



REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO (Re)leituras bakhtinianas¹

Sérgio Henrique de Souza ALMEIDA² (PPGEL/UFMT)
Simone de Jesus PADILHA³ (PPGEL/UFMT)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir concepções básicas sobre comunicação/interação a partir de contribuições de Mikhail Bakhtin e o Círculo. Acreditamos que o conceito de interação necessite de uma melhor compreensão e ressignificação, levando em conta a proposta interacionista da linguagem enquanto movimento constitutivo de natureza dialógica. Buscaremos trazer como contribuição teórica à área de estudos linguísticos, uma distinção mais aclarada de como é concebida a interação social nos estudos bakhtinianos. Para tanto, nos apoiaremos em alguns de seus conceitos, principalmente, os de interação, comunicação social, dialogismo, palavra, signo/signo ideológico, consciência, sujeito, diálogo, entonação, enunciado/enunciação, alteridade, resposta, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Interação. Bakhtin e o Círculo.

ABSTRACT: This article aims to discuss concepts about communication / interaction postulated by Bakhtin and the Circle. We believe that the concept of interaction requires a better understanding and reframing. In an attempt to base our theoretical positions, we will seek to bring as a theoretical contribution to the field of linguistic studies, a more clarified distinction of how social interaction is designed in studies of Mikhail Bakhtin. In this direction, we will rely on several of his ideas, especially regarding to the interaction, social communication, word, sign / ideological sign, consciousness, subject, dialogue, utterance / enunciation, otherness, answer, among others.

KEYWORDS: Communication. Interaction. Bakhtin and the Circle.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir concepções básicas sobre comunicação/interação a partir de contribuições de Mikhail Bakhtin e o Círculo. Acreditamos que o conceito de interação necessite de uma melhor compreensão e ressignificação, levando em conta a proposta interacionista da linguagem enquanto movimento constitutivo de natureza dialógica. Buscaremos trazer como contribuição teórica à área de estudos linguísticos, uma distinção mais aclarada de como é concebida a interação social nos estudos bakhtinianos. Para tanto, nos apoiaremos em alguns de seus conceitos, principalmente, os de interação, comunicação social, dialogismo, palavra, signo/signo ideológico, consciência, sujeito, diálogo, entonação, enunciado/enunciação, alteridade, resposta, entre outros.

¹ Artigo publicado em conjunto com minha orientadora no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Dra Simone de Jesus Padilha, defendido pela Universidade Federal de Mato Grosso

² Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK).

³ Doutora em Linguística Aplicada e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK).



በቤተሰብ ውስጥ በሌሎች ጋር ለመገናኛት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት
የሌሎች ጋር ለመገናኛት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት
የሌሎች ጋር ለመገናኛት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት ለመገናኘት

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Nos dias atuais, falar de comunicação e/ou interação parece ser falar do que é óbvio. Todos, se questionados, sabem responder o que é comunicar e/ou interagir (ou pelo menos dar um exemplo de comunicação e/ou interação em seu cotidiano). Outros até defenderiam, com unhas e dentes, que são termos sinônimos e não há razão para distingui-los.

Se fossem pedidos exemplos de uso dos termos, alguns poderiam dizer que se comunicam ou interagem com uma árvore quando a abraçam, que comunicam ou interagem com seu cão quando falam com ele e ele responde balançando o rabinho de tanta felicidade e, tem gente que diria que interage até com o delicioso chocolate quando o chama de preto gostoso e avisa que vai comer ele todinho.

Já vi foto de gente conversando com estátua, exemplo de questão sobre interação em seleção de mestrado, supernormal hoje em dia, não?

Sabemos que as palavras quando muito utilizadas adquirem significados variados porque circulam por diversos campos da atividade humana, o que dentro da teoria bakhtiniana de estudos da linguagem são também como denominados como esferas de atividade humana, levando-se em conta a produção, a circulação e a recepção dos enunciados.

As falas do dia a dia pertencem a uma dessas esferas - mais especificamente à esfera do cotidiano - aquela que se refere aos discursos trocados em encontros fortuitos do dia a dia. Assim, interagir, comunicar, conversar e dialogar acabam se tornando sinônimos de entrar em contato,



estabelecer uma relação e, a partir daí, no senso comum, tudo com que/quem se entra em contato passa a ser objeto de interação ou de estabelecimento de comunicação.

Mas se falar de comunicação e interação é falar do óbvio por que então gastar tinta e papel, melhor dizendo, nesta era informatizada, energia e tempo, para escrever sobre o óbvio? Aquilo que todo mundo já sabe o que é e não precisa ser explicado, pois é evidente.

Vou tentar responder a este questionamento voltando a um momento muito especial de minha vida, o dia de minha defesa de mestrado.

Eu e uma professora presente na banca, examinadora externa, não conseguimos chegar a um consenso a respeito do uso da palavra comunicação e interação no meu trabalho.

Infelizmente, desde o momento de minha qualificação, quando ela criticou o uso do termo interação ao invés do termo comunicação em vários momentos de minha análise, até a hora de minha defesa pública, ainda discutíamos sobre qual o sentido de comunicação e interação para o meu trabalho e não pudemos chegar a um consenso.

Penso hoje que se tivesse havido um esforço de minha parte em perguntar a ela de que referencial teórico ela partia para criticar o uso do termo interação em meu trabalho talvez esta peleja tivesse se resolvido e teríamos tido uma defesa bem menos conflituosa.

Porém, o tempo passou e não se pode voltar atrás. O que posso fazer agora é tentar dizer o que não disse à época a respeito do que, refletindo com a teoria de Bakhtin e o Círculo⁴, eu compreendo sobre comunicação e interação.

2. OUTRAS PALAVRAS...

⁴ O chamado Círculo de Bakhtin é formado por um grupo de estudiosos, cujos principais integrantes são M. Bakhtin, V. N. Volochínov e P. N. Medvedev, que tinham interesses filosóficos comuns e se reuniam para debater suas ideias, principalmente entre 1920 e 1930, na Rússia, período de grande produção intelectual do grupo. (Clark & Holquist, 2004 [1984])



“Augusto Ponzio é um grande pensador da obra de Bakhtin e, para Ponzio, Bakhtin é o fundador da Filosofia do Encontro” e “Bakhtin introduziu o humano nos estudos da linguagem” são falas de minha orientadora no mestrado, Dra Simone de Jesus Padilha.

“Filosofia do Encontro – o humano nos estudos da linguagem”, o que isso tem a ver na concepção bakhtiniana com comunicação e, especialmente no nosso caso, com interação?

Simples, caminhando na contramão de outras teorias sobre interação ou comunicação e, principalmente o senso comum de que se pode entrar em interação com tudo, no sentido de estabelecer comunicação, para Bakhtin e o Círculo a interação somente é possível entre duas consciências, entre dois centros de valores⁵, uma vez que o filósofo concebe a linguagem como interação social.

Padilha (2011, p. 95) nos alerta para a importância de “bem compreender os fundamentos e consequências desta concepção, pois qualquer evento de linguagem é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais”.

Bakhtin defende que cada ser humano é um centro de valor, pois é capaz de valorar o meio em que vive, suas experiências, suas relações com o mundo de forma individual, única e irrepetível.

Quando Ponzio (2010) defende que Bakhtin instaura a filosofia do encontro, ele está se referindo ao encontro de consciências, o nascer do sentido. Só pode ocorrer reflexão no encontro entre dois centros de valores distintos, um eu e um outro. Somente no encontro, nas relações estabelecidas socialmente, que os sentidos podem ser construídos. E, aproveitando a deixa, o autor nos conclama à escuta do outro:

Não mais escutar como ouvir, querer ouvir, conceder audiência; mas escutar como não-indiferença, pela alteridade da palavra, como abertura a outra palavra, como acolhida, como atitude de dar tempo a esta, de se entreter com esta; em uma palavra: como escuta. (PONZIO, 2010, p. 49).

⁵ Na teoria bakhtiniana, em *Para uma Filosofia do Ato* (1919), a expressão “centro de valores” designa o ser humano.



E quando Padilha (2011) afirma que Bakhtin (re)insere o humano nos estudos da linguagem, ela está afirmando que, até então, na tradição dos estudos linguísticos, especialmente os do objetivismo abstrato, apenas a parte estritamente linguística do enunciado era alvo de investigação ou estudo, a linguagem era analisada sem se levar em conta os reais produtores, abstraindo-se o ser humano do processo.

O momento da fala, da enunciação propriamente, não era levado em conta pelos linguistas da época. O enunciado se tornava frase. Bakhtin, sem desmerecer as pesquisas nessa área, propõe uma investigação para além da frase, um estudo que englobe o enunciado e seu momento de produção. Bakhtin instaura a translinguística - ciência voltada à investigação da chamada enunciação.

Com Bakhtin e a nova ciência instaurada por suas investigações e reflexões sobre a língua(gem), a fala passa a ser objeto de estudo pois é na enunciação que a língua entra na vida e a vida ingressa na língua. A língua não é mais apenas um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica, sendo estes constituintes interdependentes e desvinculada de valores ideológicos. Com Bakhtin, a língua é sociointeracional, dialógica, e passa a ser apresentada como atividade social.

Em um diálogo, Bakhtin e o Círculo defendem que não apenas entendemos o significado dicionarizado de uma palavra que é o reconhecimento do sinal, mas também somos capazes de compreender o signo ideológico, que se estabelece naquele momento de interação, e dar a ele um sentido único e irrepetível: um tema⁶. Na obra bakhtiniana, tal termo assume um novo sentido, que se distancia da acepção mais comum que conhecemos, o de assunto. Bakhtin/Volochínov esclarecem o que compreendem por tema da enunciação:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. O tema deve ser único. Caso contrário, não

⁶ Nos estudos bakhtinianos, difere-se tema de significação, embora ambos estejam imbricados.



teríamos nenhuma base para definir enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como uma expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012 [1929], p. 133).

Bakhtin (2010 [1929], p. 134), buscando valorizar o *todo* da enunciação, defende que os estudos sobre a significação linguística devem enveredar-se em duas frentes: uma que busque desenvolver uma investigação contextual do elemento linguístico nas condições de uma enunciação concreta, e a outra, uma investigação do significado desse elemento no sistema da língua. O primeiro tipo de investigação está centrado na noção de tema e o segundo no conceito de significação.

Bakhtin chama significação aos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. Pensemos no enunciado: *Bom dia!*, de acordo com Bakhtin, podemos afirmar que a significação aí é idêntica “em todas as instâncias históricas em que é pronunciada; ela se compõe das significações de todas as palavras que fazem parte dela, das formas de suas relações morfológicas e sintáticas, da entonação [...], etc”. (Bakhtin/Volochinov, 2012 [1924], p. 134). Trocando em miúdos, o material linguístico utilizado é o mesmo.

Já o tema, como elemento único, não reiterável, da enunciação, difere-se da significação. Dessa forma, a frase *Bom dia!* constituiria um tema diferente cada vez que fosse usada. Um tema é determinado, então, por uma operação em que entram conjugados os elementos não verbais da situação e as formas propriamente linguísticas. Muda-se a situação, muda-se a unidade temática, muda-se a entonação⁷ com que o enunciado é pronunciado. Da mesma forma muda-se o espaço e o tempo da interação e o ânimo dos interagentes.

A entonação, para Volochínov (2013, p. 148), confere uma “coloração *sociológica e histórica*: da época, do ambiente social, da classe social do falante, e a da situação real e concreta em que a enunciação ocorreu”. Em outras palavras, a entonação situa a apreciação valorativa

⁷ A entonação, segundo Volochínov (1930), é dada pela elevação ou descendo da voz e expressa nossa atitude em relação ao objeto da enunciação, atitude que pode ser feliz, aflita, entusiasmada, interrogativa, etc.



dos participantes da enunciação em um tempo e espaço específicos e únicos, instara o discurso na história, ainda que em *escala microscópica*.

De acordo com Bakhtin/Volochínov:

(...) A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, (2012 [1929], p. 128).

Bakhtin/Volochínov (2012[1929]) explicam que a palavra sempre se dá em contextos de enunciação precisos, logo, em um contexto preciso e, em decorrência disso, a palavra sempre estará “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico e vivencial”, pois “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc” (idem, ibidem, p. 98).

A palavra, enquanto, participante de um intrincado jogo de significados e sentidos desenvolvido em uma arena de batalhas bastante particular - a das interações sociais entre sujeitos socialmente determinados - está empregada sempre nas mais diferentes enunciações dos locutores, nas mais diversas enunciações de sua prática linguística.

Assim, para a palavra significar e receber sentidos dependerá sempre de um contexto de interação com o outro.

A palavra (discurso, enunciado), segundo Bakhtin, é prehe de resposta e somente o outro é capaz de dar esta resposta. Consequentemente, todo discurso é resposta, e o ser humano, em interação com outro ser humano, tem como condição *sine qua non* ser um ser respondente.



Para Bakhtin, o uso da palavra pelo interlocutor constitui uma resposta, assim como o silêncio e a não compreensão também são respostas. Cada ação humana envolve a reação do outro porque no homem há uma necessidade de provocar atitudes discursivas no outro, somos prenes de respostas, nos constituímos na interação.

Apoiados nessa orientação de que a palavra é sempre resposta, Bakhtin e o Círculo desenvolvem o conceito de compreensão responsiva ativa. “Chamo sentido às respostas a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (Bakhtin, 2010, p. 381). Seguindo esse raciocínio, compreender é responder.

Toda atividade humana é banhada por uma reflexão (ainda que não verbalizada) e que, portanto, passa pela consciência, pela compreensão – que para Bakhtin e o Círculo, vai além da identificação de sons, de gestos. Como dissemos, compreender para Bakhtin é responder e, segundo o pensador, não respondemos a palavras, respondemos a signos, a sentidos, o que nos convida a uma decodificação constante, a um incessante ato de opor signos a signos, para significar o mundo em que vivemos.

Para Bakhtin/Volochínov (2012 [1929], p. 116), “Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”. Todo projeto discursivo tem um endereçamento, pressupõe um outro. Bakhtin assegura que toda nossa vida é uma orientação em busca da palavra do outro, neste universo de palavras, de sentidos, em que vamos nos constituindo durante toda a vida.

O princípio da alteridade se manifesta não apenas como o reconhecimento da diferença, mas vai além, implica em processo de humanização por meio da palavra do outro. É nesta relação que nos constituímos como sujeitos, demarcando nosso território particular. Toda ação do eu se correlaciona com a alteridade, denunciando a presença do outro.



É pelo diálogo⁸ que estabelecemos o contato com o outro. E para Bakhtin, “a compreensão é uma forma de *diálogo*; (...) Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*.” (Bakhtin/Volochinov, 2012 [1929], p. 137). As práticas sociais e os diálogos são considerados em sua relação com todas as forças ideológicas e históricas, que regulam o agir do homem, concebendo a perspectiva de linguagem como um lugar de interação humana e das práticas sociais historicamente situadas.

Quando pensamos na ideia de diálogo, tendemos a associar o diálogo com concordância de ideias, encontro pacíficos de entendimentos, mas a realidade é que na interação social, por se dar entre indivíduos reais e concretos, este encontro não pode ser sempre pacífico ou simétrico.

Há sempre uma arena de valores em combate em cada encontro social. Quando duas pessoas se relacionam, na verdade, o que ocorre é o encontro de dois centros de valores distintos. Nós nos relacionamos com o outro e a cultura do outro. Nas interações confrontamos valores, ideologias⁹, modos de ver o mundo, concepções, ideias e crenças.

Quantas vezes, em uma situação de formalidade, somos obrigados a cumprimentar alguém cujas ideias discordamos ou, mesmo numa situação cotidiana, em que alguém nos pede para fechar uma porta ou janela, nos nem sempre chegamos ao mesmo consenso a respeito daquele pedido.

As relações interpessoais se complementam, se apoiam, se distanciam, no conjunto de relações individuais vividas pelos participantes da interação, somente aí há espaço para o nascimento das possibilidades de sentidos.

Para Padilha (2011, p. 95), “A questão do sentido é pedra fundamental no pensamento do Círculo, e este constitui o mundo do discurso, e com ele, e só nele, podemos entrever o ideológico. Bem, se os

⁸ O diálogo é uma conversação recíproca entre duas pessoas, diferentemente do monólogo, isto é, do discurso prolongado de *uma só pessoa*. As enunciações que trocam os parceiros de um diálogo se chamam intervenções – podem-se encontrar exemplos de diálogo ou de monólogo em qualquer obra escrita para representação cênica. (Volochinov, 2013, p. 163)

⁹ Por ideologia, Volochinov, entende todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas.



sentidos só se constroem nas interações, então o que me afeta mora no discurso (...). Somente no encontro, nas relações estabelecidas socialmente, que os sentidos podem ser construídos:

Chamo sentido às respostas a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós [...] O sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo (BAKHTIN, 2010, p. 381).

Para Bakhtin/Volochínov (2012 [1929], p.35), “a única definição possível da consciência é de ordem sociológica.” Os signos e os valores atribuídos a eles são construídos socialmente e somente na interação social é que pode emergir uma consciência individual, pois o mundo da consciência para Bakhtin é o mundo dos signos.

O signo é alimentado por seu conteúdo semiótico e ideológico materializado na palavra, no sinal, no gesto significante, na expressão facial, no movimento do corpo. O que antes seria apenas um ato fisiológico do indivíduo torna-se, graças aos sentidos dados pelo signo, produto da consciência, transbordante de possibilidades.

Para Bakhtin/Volochínov (2012[1929], p. 32-34), “O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. (...) Portanto, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos.” Universo este que é ideológico por natureza. O signo é fenômeno do mundo exterior, tem seu funcionamento ligado ao material. No entanto, todo signo está sujeito a passar por reavaliações ideológicas, a ter sua realidade, enquanto material do mundo físico, reavaliada e ressignificada pelos usuários da língua.

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012 [1929], p. 34)



Na articulação do discurso, que se manifesta nas práticas sociais, por seu caráter dinâmico e autêntico, o conhecimento é reativado em outras situações, num processo cíclico de transformações. O sujeito verbaliza e/ou age de acordo com as competências estruturadas na convivência com o mundo social. É neste terreno social que os signos emergem, pois, para Bakhtin (2012[1929], p. 34), “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos”.

A interação somente pode ocorrer entre seres cognoscentes. Não é suficiente nascer biologicamente. É necessário, que este novo ser esteja inserido em uma sociedade, que integre a corrente de conhecimento e cultura de seu grupo social e, a partir de seu ponto de vista, se posicione no mundo em que se vive. Constituir-se como sujeito significa apropriar-se do conjunto da experiência social que é veiculada pela linguagem.

Isto posto, descarta-se, sumariamente, todas as outras formas de interação. Não se interage mais com árvore, nem com cachorro, nem com chocolate, muito menos com estátua. Não são pessoas. Não são centros de valor, conseqüentemente, não são consciências. Não temos nada a ver com estas coisas. Ponto final.

3. ÚLTIMAS PALAVRAS

Só que não.

Para Bakhtin e o Círculo, o que ocorre quando interagimos com seres inanimados é que elegemos um representante social naquela interação para entrarmos em contato. Interagimos, na verdade, com um discurso social, anterior a nós e que se prolonga no tempo para além de nós, um discurso socialmente construído - um juízo de valor. Do qual somos senhores e prisioneiros.

Que estória é esta de senhor e prisioneiro? Senhores porque gozamos de uma certa liberdade ao escolher um determinado discurso



para interagir com outros, mas prisioneiros porque escolhemos estes discursos de um repertório já bem gasto e que, portanto, não temos muita liberdade para modificá-los. Entra nessa massa discursiva os gêneros do discurso, que são normativos aos falantes.

Em nossos diálogos interiores ou quando interagimos com seres inanimados, como uma barra de chocolate, por exemplo, elegemos uma outra consciência em nós que nos instiga a responder, a assumir posicionamento no mundo e diante dos outros; nos instiga a ficarmos alertas o tempo todo com a palavra do outro. Como diria Fernando Pessoa, “Eu que me aguento comigo e com os comigos de mim.”

No processo de interação e comunicação com outras consciências, nós saímos sempre transformados. Tal interação, por meio da linguagem, somente se torna possível entre dois ou mais indivíduos socialmente organizados.

No viés bakhtiniano, interagir não seria uma apenas entrar em contato; comunicar não seria mais passar uma informação ou receber uma informação. Interagir e comunicar implicam, necessariamente, em sair transformado de um encontro que é sempre único e irrepetível com outro ser humano, ou seu representante social.

Ufa! Falar sobre de coisas simples. Que complicado!

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M. [1919-1924] **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotelo & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

_____. [1952-1953]. Os Gêneros do Discurso. In: M.M. Bakhtin. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

_____. [1959-61/1979]. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

_____. [1970-71/1979]. Apontamentos de 1970-71. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.



_____. [1974-79] Metodologia das Ciências Humanas. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

_____. [1979] O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV, V. N. [1926]. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. (mimeo)

BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV V. N. [1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico**. SP: Editora Hucitec, 2012.

PADILHA, S.J. **Relendo Bakhtin: Autoria, escrita e discursividade**. Polifonia, Cuiabá, MT. V. 18, n 23, p. 91-122, 2011.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.